



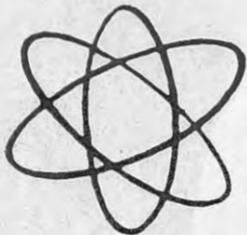
Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

18 DE JULHO DE 1964
ANO XXI — N.º 531 — Preço 1800

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PÁCO DE SOUSA ★ FUNDADOR: Padre Américo ★ VALLES DO CORREIO PARA PÁCO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENAL
PROPRIEDADE DA OBRA: DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS ★ COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRAFICAS DA CASA DO GAIATO



FACETAS DE UMA VIDA

PAI AMÉRICO

Há quanto tempo esta rubrica não aparecia! E não volta para permanecer, posto não falte por aí dispersa tanta página cheia de interesse para o retrato total de Pai Américo. Mas que é do tempo e do sossego, para as coligir?...
Porém, nesta data aniversária da sua ida para o Céu, e quando se multiplicam os casamentos dos seus filhos, a carta que hoje publicamos é uma presença sua cheia de oportunidade e de vida, apesar de escrita em Fevereiro de 1927.

De resto, ela não leva só a inquietação pelo Amigo em vésperas do grave passo da constituição do seu lar.

No peito do Américo, ainda seminarista, ao lado do amor de amizade lá vai a chama do amor-caridade, aberto às necessidades do próximo.

Por isso vai hoje esta coluna.

Continuo a recomendar-te que não tenhas pressa em vir. Se tens que dar ainda essa mesada à família, bem vês que te faz falta na vida de casado. A tua noivita espera e enquanto o faz nada perde e nada lhe falta. Eu quero que tu penses muito maduramente no passo que te propões dar e este deve ser o teu verdadeiro conceito do casamento, isto é, uma vida cheia de cansaças e responsabilidades. Esse amor que agora dedicas à rapariga e dedicarás por algum tempo após o casamento, não é o verdadeiro amor que faz a felicidade da vida conjugal. O verdadeiro vem depois e este deve ser o vosso. Quando vocês começarem a conhecer-se bem um ao outro; quando começarem a livisar os defeitos mútuos, pois que todos os temos; quando vierem as pequenas disputas domésticas, as arrelias com os filhos, as possíveis privações e tudo isto que a realidade da vida nos acarreta, então sim. Então é que entra em prova o AMOR verdadeiro, amor-sacrifício, amor que se consome no cumprimento dos deveres mútuos. Já pensaste nisto? E estás resolvido a casar nestas condições e a expor desde já este conceito à tua noivá? Pensa bem. Não te precipites. Tu não vês como a maioria dos que casam andam de candeias às avessas pouco tempo depois? Sabes porque é isso? É porque eles não têm o verdadeiro conceito do amor. Amor-sacrifício. Eis o verdadeiro, o unico amor. Ouve-me bem, F.. Eu não quero outro noivo para a A., já to disse; mas quero que tu saibas ser homem e que saibas fazer uma mulher.

Ouve uma coisa. Eu quero que me auxilies no que te vou pedir. Há aqui uma família de 6 pessoas que vive num quarto pequeno sem luz nem ar. Uma grande miséria. A avó desta gente miserável vem aqui buscar o caldo todos os dias e eu aos domingos costumo dar-lhe uma esmola conforme as minhas posses. Ora nem tu nem P. podem auxiliar-me directamente, nem eu consinto que vocês o façam, mas indirectamente...

Continua na QUARTA página



Pai Américo partiu de ao pé dos nossos sentidos, mas está connosco.

Sempre as efemérides serão para nós quebra-cabeças. Nas datas de circunscância, meio mundo repetirá os adjectivos de *saudoso, malogrado, inesquecível...* — enquanto nós não obrigamos substância nova ligada à oportunidade, que valha a pena escrever. Adjectivos... não nos parece matéria de homenagem a quem na vida e nas letras marcou um estilo tão majestoso pela simplicidade! E os adjectivos são ingratos! Uns perderam a força, de tão aberto o frasco onde os guardamos. Outros são mesmo infelizes. Esse de *malogrado*, aplicado a um homem que, sem estar isento da lei da morte, é exemplo extraordinário de vi-

da realizada — não soa nada a propósito!

Para nós a realidade é simples e quase natural (A Fé dá-nos viver conaturalmente as coisas sobrenaturais): Pai Américo partiu de ao pé dos nossos sentidos, mas está connosco. Mais connosco do que, quando viador, ele só estava onde estava! Agora, do Céu, a sua perspectiva é imensa; o seu poder de intercessão incomparável. E vê-nos; dirige-nos; resolve-nos problemas de que só depois de resolvidos damos conta de terem sido tais e tamanhos. Não é essencial que nós o vejamos. Essencial é que o saibamos actuante sobre a sua Obra, filha dilecta que Deus lhe deu o ministério de gerar.

Porque assim é, todos os dias dialogamos com ele. Não experimentamos a estranheza que o tempo e a distância fazem. Gostaríamos, como carne que também somos, que os nossos sentidos o percebessem directamente. Mas, na verdade, quase assim o percebemos — e só não é melhor por não ser tão invicta quanto devia a nossa Fé.

Que feliz o homem que crê em Deus e assim firmada a sua necessidade de crer, não sofre a ilusão dos apoios relativos, ele que goza da estabilidade do alicerce absoluto: a *pedra angular!*

A «Fé é a vitória que vence o mundo». Foi ela a arma por excelência com que

Cont. na 2.ª página

AREIAS DO CAVACO

Por
PADRE MANUEL ANTÓNIO

Nos últimos dias temos sido muito procurados. Desde que se tornou conhecida a nossa vinda para aqui, muitos dos que tinham problemas relativos a garotos pensam buscar solução para eles, recorrendo a nossa Casa.

Por exemplo, vem o pai que tem de ir para o interior e não quer levar o filho pelas imensas dificuldades que lá vai encontrar. Fala-nos em dinheiro. Diz-nos que paga uma mensalidade, para termos o pequeno connosco.

Vem a mãe aflita, que não pode fazer nada do filho que tem em casa; que é rebelde; que foge à escola, etc.. E põe-nos também o dinheiro na frente. E por aí adiante.

Deixamos falar. Ouvimos as razões. Vemos, até, lágrimas de sofrimento em alguns.

No fim, dizemos que se enganaram no caminho. Não era a esta porta a que deviam bater. Fizeram-no porque desconheciam a natureza das nossas Casas. E começamos a explicar. A Casa do Gaiato é, essencialmente, uma Casa de família para os sem família. É a Casa do garoto abandonado. É a cama, a mesa, o carinho do garoto da rua. Quanto mais «lixo» for, quanto mais «rejeitado», mais da Casa do Gaiato é. E essas

pessoas ouvem com atenção e com espanto o que dizemos.

Para os que podem pagar mensalidades não faltarão, por certo, casas onde possam colocar os filhos. A nossa não. Nunca em nossas Casas deixou de entrar o garoto da rua, pela simples razão da falta de dinheiro. Conhecemos a riqueza do garoto da rua. Ela seduz-nos. O garoto da rua é um tesouro. Com ele vem tudo o que é necessário.

Mas, se para os casos apontados não somos solução, há outros que nos deixam esmagados. Só num dia foram três. E à mesma hora. Três mães de côr, ainda jovens, cada uma com seu filho pela mão. Rondavam os 7 anos. Os filhos

CONTINUA NA SEGUNDA PAGINA



Diálogo



— Por Lindoso, só cá em casa te conhecem.

— Sou mais conhecido pelo meu nome.

— Mas qual é o teu nome?

— António Alves da Silva. Eu, Silva não tenho, mas uso Silva na mesma. É nome de família.

— Estou agora a lembrar-me que andas a tratar do teu registo porque nem registado és! Então esse Silva é herança de pai «económico»?

— De facto toda a minha família é Silva.

— Mas usas o Silva com algumas pretensões artísticas, diz lá?

— Sim, António Silva é um nome popular do nosso cinema.

— Então gostavas de ser ele?

— Não senhor, gostava mais de ser Saraiva.

— Ah, bem! Gostaste do nome que o Américo te deu como «compère» da nossa Festa.

— Pois! ficou um nome conhecido por essas cidades e terras aonde fomos.

— E sentes-te com jeito para a coisa, não?

— Sempre tive um certo desejo de ser artista.

— Bem, agora que estás apresentado, outra coisa. Cá no palco da nossa Casa tens um papel importante de chefe!

— Sou o que estou há menos tempo em chefe e sou o chefe que está cá há menos tempo!

— Desculpa-me a pergunta, mas foste desde o início um menino direitinho, para chegares a chefe tão cedo?!

— Não senhor! Vinha muito torto. Fui este ano para sub-chefe e só há três meses é que estou em chefe — Fui difícil. Primeiro que encontrasse a razão das coisas...

— O que te foi mais difícil de vencer cá em Casa?

— O mais difícil foi compreender os nossos Padres.

— Falas a sério?

— Sim senhor.

— Então mas porquê?

— A gente na idade de 15 ou 16 anos desvia-se. Eu se via o Sr. P.e Carlos a vir da Casa Mãe, se pudesse fazer um desvio até Cête para não me encontrar, eu fazia-o. Só depois dos 17 anos é que comecei a compreender.

— E o que é que te ajudou nessa compreensão?

— É que notei que gostavam de mim e eu é que andava enganado.

— Olha lá mas isso é muito subjectivo.

— Antes parecia-me que não gostavam de mim, e eu afastava-me.

— Teriam razão para não gostar de ti?

— Tenho a certeza que não me deitavam ao desprezo, mas razão tinham, porque umas vezes eu cumpria, outras não. Depois, claro...

— E como chegaste então à compreensão?

— A gente começa a pensar mais a fundo, começamo-nos a abrir por completo.

— E houve nessa altura qualquer coisa especial que te tenha ficado na lembrança? Uma coisa agradável ou desagradável, qualquer te pode ter ajudado...

— Talvez um retiro em Singeverga com um Sr. P.e parecido com Pai Américo, alto, de óculos, que tinha um carro verde.

— O Sr. P.e Duarte de Fontelo?

— Sim, é esse. Fazia umas palestras muito apropriadas à nossa idade.

— E achas então que esse retiro marcou na tua vida?

— Sim, foi principalmente aí que comecei a encarar as coisas a sério.

— E agora que és chefe, parece-te que deve ser uma tarefa tua, ajudar os outros rapazes, na compreensão dos seus deveres?

— Sim, até porque eu, agora, compreendo melhor os rapazes. Eles estão todos naquela fase difícil por que eu passei. Compreendo melhor as fraquezas dum rapaz.

— Sabes, mas não é só o compreender, porque isso pode a gente compreender. Encontras neles as mesmas dificuldades que em ti?

— Acho que sim, embora nem em todos. Ajudo-os, tento ajudá-los. Isto não vai à primeira. Eu tive também muitas palestras, muitas conversas, mas só quase ao fim de três anos é que compreendi.

— E tens como essencial para ajudar os rapazes, ser amigo deles e parece-te fácil ganhar amizades verdadeiras em rapazes que estão nos 15 anos?

— É difícil, porque eles têm em mim um chefe e não um amigo. Embora eu esteja mais para ser amigo do que chefe. Tento, falo com eles, brinco com eles, vivo com eles como um colega que tem mais experiência que eles. Mas é difícil. Se vissem em mim um amigo, era melhor. E os nossos rapazes não se fazem compreensíveis; a gente tenta chamá-los à razão, mas eles afastam-se. Querem mais andar à deriva do que serem guiados por caminhos certos.

— E daí dificuldades reais, que são próprias do teu trabalho, mas que certamente não entravam o teu desejo de os ajudar, nem te desanimam.

— Não desanimo; eu continuo. Até agora fizeram por mim e eu agora faço pelos outros.

António Alves e P.e José Maria



Carlos Alberto e Maria Laudemira — o par de professores que há pouco se casou.

Pai Américo

Cont. da PRIMEIRA página

Pai Américo «combateu o bom combate». Compete-nos segui-lo na preferência e não pormos em mais ninguém, nem em nada o fundamento da nossa acção e o inspirador das nossas intenções, senão no Senhor Jesus.

À data do seu nascimento para o Céu, junta-se, por uma proximidade que não é só de tempo mas também de lógica, outra data, a do seu nascimento para o Sacerdócio.

Para o Céu vinha ele destinado desde o instante em que foi concebido — como todos os homens — segundo a vontade de Deus. Mas a grande *étape*, o luminoso *sprint*, cujo rasto ainda se não apagou, começa no sacerdócio. Por ele, o homem-bom feito padre, se tornou Pai. E a fecundidade da sua geração ao longo dos 27 anos seguintes, foi a sua coroa de glória que será bem maior e mais gostosa no Céu, do que o foi na imagem ainda assim magnífica da sua despedida da terra.

E já agora, porque entre o Homem e a Obra há uma relação profunda de inseparabilidade, nós avançamos mais uns dias e paramos em 4 de Agosto, data da ordenação de dois dos nossos Padres e também, de algum modo, uma data de nascimento para a Obra, dada à luz da Igreja pelo verbo confiante e amigo do nosso Bispo.

Que o Senhor nos ensine, a todos os que admiramos Pai Américo, e a nós que temos o dever de o seguir, a prestar-lhe o nosso culto em actos substanciais de vida, iluminados por uma Fé brilhante como a que o guiou e dinamizados por um Amor divino como o que o abraçou.

Areias do CAVACO

Cont. da PRIMEIRA página

eram mestiços. Olhos muito vivos. Irrequietos.

— Vimos pedir para tomar conta dos nossos filhos.

E começam a dar razões. Antes que falassem, já sabíamos a sua história. Os pequenos não conhecem os pais. E as mães começam a dar os primeiros passos para os enjear. Casos destes são legião.

O problema deste género de pequenos é grave. Gravíssimo.

Desconhecidos do pai que, a maior parte das vezes, não os viu nascer e rejeitados pela mãe, na idade em que mais precisariam dela, estes pequenos irão engrossar as fileiras dos «filhos de ninguém».

Bem podem construir-se Casas do Gaiato; bem podem construir-se cadeias e sanatórios — que o problema destes filhos há-de continuar. Seria mais fácil; seria mais económico; seria mais humano e, portanto, mais justo e mais inteligente que saísse uma Lei, com seus executores tão zelosos como são doutras de menos importância, que mandasse buscar os pais desses filhos e os obrigasse a assumir as responsabilidades que lhes cabem.

Enquanto esse Homem corajoso não aparece, nem a Lei, ajudai-nos a dar a mão a estes pequenos.

X X X

O que nos destes: Do Lobito, duas notas de 100, para «uns pãezinhos para os Zé-Antónios». Outra, de Benguela, para «ajudar a tarefa iniciada por Pai Américo». Mais 1.200. Da Catumbela, 200 com palavras de muita simpatia. 50 de Luanda, de uma assinante da

Metrópole. Uma cama de ferro, de Nova Lisboa. Outra vez Catumbela com 150. Os 1.000 do costume da C. B.. Mais 500, todos os meses de P. e I. 20, do Cubal. Pessoa muito amiga veio trazer-nos carne e prometeu voltar todos os meses. Mais 100. Um pai de 7 filhos, que vive do seu trabalho, veio trazer-nos 600. Outro 100. Mais outro com 50. Latas de chouriços, banha de porco, compostas — tudo deixado com muito carinho à porta da dispensa. 1.500 de quem muito nos quer. Dois tamborez de gasoil da «Fina». A Shell abriu-nos as portas com um tambor mensal. A Texaco idem, mais a Mobil e a Sacor. Bem hajam, 100 mais 30, deixado em nossas mãos. Por um vendedor de «O Gaiato» 200. Mais 200 e mais 100. Azeite do melhor trazido por quem muito ama os nossos garotos. Peixe, todos os dias da semana. Mais 150 de um anónimo. Mais 100 de assinatura paga e mais 200.



Visado pela
Comissão de Censura

UM PEDIDO

O título é só uma referência. Hoje não significa o que é óbvio, mas conduz-nos em acção de graças ao que vos fizemos dois números atrás.

Nem é tanto o que veio... — e foi muito! A grande **consoladela** é o modo, a pressa com que as respostas começaram a chegar, pelo telefone na manhã daquele sábado, logo após a saída do jornal para a rua e depois, mais vezes por telefone e por carta e por recados.

O que isto significa de interesse, um amoroso interesse feito do desinteresse da posse perante a alegria de remediar quem precisa e a quem se estima!

Vieram talheres e loiças e maças e duas máquinas fotográficas e uma bicicleta usada e uma motorizada SACHS novinha em folha, que a Olimpia foi hoje aprender a manejar.

Só o gravador é que não veio. Mas eu não resisti e fui por ele à Philips. Resultado: cerca de 4 contos. Se alguém quiser, portanto, ainda está a tempo!...

Deus seja bendito por tantos mimos que nos dá!



Entabulemos hoje o diálogo com aqueles dos nossos Benfeitores que continuam acordados para as necessidades de Belém, apesar do nosso prolongado silêncio. E praza a Deus que, ouvindo-nos, os adormecidos acordem e ainda outros novos se lhes juntem.

Pergunta vezes sem conta repetida é a de como vão as coisas com a Fundação Gulbenkian, depois do meu pedido de auxílio e do que sobre o assunto disse no jornal.

Por agora informo apenas de que já recebi resposta, com a qual me não conformo, no sentido de que não desistirei de procurar obter alguma contribuição para Belém da dita Fundação. Mas os pontos de vista e razões que tantos expõem para cá, porque não expõem para lá?

Brevemente trataremos aqui o assunto mais em pormenor. Entretanto, vamos andando nós.

O Benfeitor anónimo, de

Lisboa, que já vai nos 200\$00 mensais, diz:

«É com desgosto que, quando recebo o «Famoso», não vejo a crónica de Belém. Que quer? Nós também vivemos para a Obra. Não tão interessadamente como a Senhora, é certo. Mas amamos o que vimos nascer e que ajudamos a andar, ainda que o nosso contributo seja tão pequeno como o meu. Pelo menos faz bem que não haja tanto egoísmo da nossa parte, obriga-nos a lembrar-nos dos outros».

«Digo-lhe mais, da sua parte devia haver o propósito de nos obrigar a viver os seus problemas. Perdoe-me o desafo e não leve a mal».

Eu não perdo! Agradeço, peço desculpa e levo a bem... Deus me ajude a corresponder a tanto interesse e carinho da parte de tantos e tantos, de modo que não seja por culpa minha que a Obra deixe de andar. Deus me ajude, sim, que o encargo é pesado.

O Casal de Cursistas, de Viseu, que se propôs contribuir com 13 contos, sempre

presente com os 250\$00 mensais e muito interesse pelos nossos problemas.

O Casal Amigo de Braga, sempre em dia com a sua quota mensal de 50\$00 e às vezes umas «migalhas».

De Lisboa o Senhor que se propôs pagar o sustento de uma Belenita e que tratamos por Padrinho da Janjinha, nunca falta com os seus 250\$00 mensais e «mais qualquer coisa» que é sempre muito. Beijinhos da Janjinha, por todas.

Helena, de Lisboa, não se esquece dos prometidos 500\$00 mensais, mais 395\$00, mais 2.000\$00, de trabalhos extra, que fez, de colaboração com uma amiga.

Há tempos, andava eu a ensinar as Belenitas a mondar alfaces, quando me mandam recado de que chegara uma Senhora de Lisboa que queria falar-me. Não tardei a vir por aí acima. Vi um carro à porta, mas só com o motorista. Entrei em casa... e ninguém. Pensei que D. Ofélia tinha ido mostrar a mata à Senhora e eu aproveitei para ir lavar

Continua na QUARTA página

Visitas

O silêncio é fecundo; o muito ruído, quase sempre destruidor. E, se não destruidor, também nada constrói.

Se é assim nas coisas deste mundo, é-o particularmente naquelas que tocam os valores do espírito. Entre estas é que classificamos as visitas às nossas Casas, tal é a mente e a intenção expressa ou subentendida, que ajuizamos da maioria de quem nos procura.

Ora quanto mais apagadas, mais humildes, mais penitenciais estas visitas, tanto mais veneração elas trazem a Pai Américo nos restos do seu túmulo e mais honra a ele vivo na sua Obra. Nem velas, nem flores, nem trombetas, nem cortejos, nem notícias nos jornais, nem discursos empolados, nem movimentação de grandes massas... — tudo isso é acessório e pode ser até vazio e estéril, como quase sempre acontece ao muito ruído...

Por isso recebemos com tanto júbilo visitas como a daquelas três senhoras que todos os anos arrancavam do Porto, na noite de S. João, à hora em que o folgar das ruas atingia o zénite, e vinham por aí fora, a pé — e agora só não vêm a pé, que o cansaço dos anos já não lho permite. E antes desta peregrinação, elas, que são modestas no ser e nos teres, para não virem de mãos vazias, fazem outra peregrinação na roda dos seus vizinhos e conhecidos e trazem o que religiosamente recolheram,

em confirmação do amor que têm à Obra de Pai Américo.

Como sempre, desde há vários anos, também este não faltaram. Entre o seu próprio donativo e as esmolas recebidas, trouxeram 1.280\$00 e todos nos demos a alegria de um bocadinho de fraterno convívio, na partilha do nosso caldo.

Outra visita que nunca faltava no 1.º domingo de Julho era a dos Tabaqueiros da Fábrica do Porto. Os últimos anos foram tingidos pela angústia do fechamento da Fábrica onde ganhavam o pão.

A técnica venceu. A Fábrica fechou. A guerra de nervos não acabou sem feridos, se não no mais, nos nervos.

O Grupo que vinha, já não vem. Mas alguns dos mais fiéis e dos mais válidos, continuam a vir. E este ano só a doença não deixou comparecer ninguém. Mas nesse mesmo domingo recebi carta do chefe do grupo, com notícias de várias cigareiras e esta justificação: «Era para ir no 1.º Domingo de Julho fazer-lhe uma visita, como de costume, mas a minha colega Alice Pequena deu-lhe um ataque e está bastante mal. Peça ao Pai Américo saúde para ela, que bem merece, para ver se ainda este verão lá podemos ir».

Fecundas estas visitas, da fecundidade do amor que se dá e se não procura — o amor verdadeiro.



Um vicentino levou-me pela mão a uma pobre casa, onde vive um casal com três filhos. O chefe de família, impossibilitado de trabalhar, já conheceu a abundância nestas terras de Angola; hoje, vê, com tristeza, os filhos irem descalços a caminho da escola e do Beiral.

A Conferência tomou conta. O irmão confrade visita-os e conforta-os.

O homem debruçado sobre o homem!

O regresso ao comunismo cristão dos primeiros tempos!

Este regresso é salvação.

É muito difícil abandonar um caminho que nos parecia certo; ainda mais, depois, encontrar o caminho

Cantinho de Malanje

da verdadeira caridade. O mais custoso, para o homem do nosso tempo, é parar e reconhecer, com humildade, que a sua vida não é informada pelo Evangelho. Se meditarmos com sinceridade e de Evangelho aberto, reconhecemos que, tantas vezes, colocamos no lugar do verdadeiro amor uma falsa piedade, e uma compaixão protectora para tapar o que a Justiça exige.

— Não lhe parece — disse-me o confrade no portal da casinha de adobos — que o pe-

queno estaria bem na Casa do Gaiato?

— Parece... —

Mas fui pensando que melhor estaria no seu lar, se o pai, velho e doente — membro duma comunidade cristãmente estruturada — tivesse, para todos os dias, o pão de cada dia.

O número de crianças que têm de abandonar o lar, ou ficam mesmo sem ele, é sinal de doença grave... e, também, resultado da pouca eficiência e falta de verdadeiro «serviço social».

Será que as comunidades cristãs não sabem tirar do Evangelho o que outros tiram de doutrinas materialistas?

Ainda bem que os cristãos estão acordando para a realidade comunitária no sentido evangélico. Deus está-nos sacudindo. Apesar disso, é um acordar lento.

PADRE TELMO

A pequenina comunidade de Malanje



PELAS CASAS DO GAIATO

Lar do Porto

DA CONFERÊNCIA: Não calará o sofredor com as suas chagas rasgadas e apodrecidas enquanto não o saciarmos, enquanto não lhe dermos o alento.

Os nossos Pobres, queridos benfeitores, condoem-se dolorosamente com o nosso «não»: «Não temos que vos dar». A Conferência atravessa um período decadente: o mais triste da sua história. Teve fatura, diga-se pois é verdade, mas desde que as mãos administrativas se modificaram tudo decaiu e o desmazelo pairou na ordem que dantes havia. Por causa deste desinteresse e, mais rigorosamente, por causa do esquecimento e má atenção de muitos a Conferência esvaeceu.

Um consumo tão grande como é o dos nossos Pobres tinha de acusar um débito que agora nos arripia e as nossas mãos tremem defronte daquilo.

Mas mais, caros leitores, eles sofrem e sabem que esta Conferência sempre auxiliou sempre fez bem e tão acalentadora se tem mostrado que nos chamam pela ajuda e nos rogam, louvando Deus que não os desamparemos. Isso só será possível e creio no Senhor que

sim, quando amanhã abrires a vossa bolsa em abono da nossa Conferência.

Estávamos jantando quando tocou à campainha um muito amigo furriel miliciano, que depois de uma corrida pelos nossos aposentos chegou ao refeitório e ali parou. Portando-se alegre e afável foi ajudando à serventia e com todos conversava.

Demorou-se mais; entretanto acabávamos a refeição e com carinho o amigo visitante pediu para lhe aceitarmos umas palavrinhas que muita influência causaram em todos nós.

Fervorosamente falou e quis salientar que todos os defeitos, todas as preocupações se dissipariam conquanto estivessemos unidos a Deus. Tinha razão; seguiremos o seu exemplo e jamais nos esqueceremos da verdade das suas palavras.

— Três e meia da tarde, sol quente, céu bonito, que tal até à praia? Senhor Padre José Maria na carrinha nos enfiou. Seguimos rumo ao mar sem mais demora. Lá chegados e pé na areia, saboreámos uns largos minutos em horizontes esplêndidos na Foz. Tivemos uma merendazinha — «batatas fritas à inglesa»

— após a qual regressámos ao Lar pela via marginal, naquela ocasião cheia de gente e de colorido.

— Satisfatoriamente aqui salientamos até agora a única presença na sua mesada para o frigorífico. Foram vinte escudos. Quem os mandou é de Lisboa. Vá benfeitores, coragem e vitalidade! Arranjem-nos um frigorífico que aqui é indispensável!

Mais livros entraram, mais alegria expandida. São revistas do «gato fêlix» e dos seus mais extravagantes colegas! Tudo serve para divertir os espiritos da rapaziada. Temos a promessa de mais livros de uma senhora e mais informes surgirão sobre este louvável assunto.

— Como quem diz — «Água vai...», vós me mandaste o eco do pedido de patins. Vejam lá os preparativos, os cuidados enfim, mil coisas que reunimos para a elaboração de uma equipa hoquista e tudo a cair ao desfiladeiro, só porque não existe o principal da festa: patins! Por vontade ardente que devoto pelo hoquei seria absurdo considerar moribunda esta parte das notícias do Lar. Esmorecer não! Continuamos com fé para tudo melhor esperarmos de vós.

Bem sabeis que quando se limitam as distrações se delimitam as

atracções... Quantas vezes más!

Orlando da Rocha

Lar de Setúbal

Arranca o estatuário uma pedra dessas montanhas, tosca e informe e, depois que desbastou o mais grosso, pega o maço e o cinzel na mão e começa a formar um homem: ondeia-lhe os cabelos, alisa-lhe a testa, rasga-lhe os olhos, afila-lhe o nariz, abre-lhe a boca, torneia-lhe o pescoço, etc.

E depois de todos estes toques e retoques, fica um homem perfeito, e talvez um santo que se pode pôr no altar. Sim, o estatuário vai a essas montanhas buscar a pedra tosca e informe para depois, com toda a sua habilidade e com toda a sua paciência e com toda a sua perícia, transformar aquela rocha tosca e bruta naquela obra de arte que todos nós admiramos.

Ora, mas eu não estou aqui para fazer um trabalho sobre escultura.

Os meus intuitos são outros. Eu estou aqui tentando escrever qualquer coisa para o nosso jornal.

Como atrás ficou dito o estatuário vai às montanhas buscar aquela massa tosca para depois trabalhar e transformar completamente.

Assim também a Casa do Gaiato vai a essas montanhas buscar a «matéria» de que carece para fazer as suas obras.

Não, áquelas montanhas onde o escultor vai buscar o necessário material, mas a outras montanhas, que embora à primeira vista pareçam mais raras, eu digo pelo contrário que são mais abundantes.

Pois é, caro leitor, é a esses montes de lixo, de barracas, de miséria e de podridão que a Casa do Gaiato vai buscar aquele «material tosco» para depois fazer não estátuas como o escultor, mas homens, verdadeiros homens.

Montes esses que tantos encontram ali por trás do seu prédio, mesmo rentinho a ti, eu ia dizer quase que habita contigo e tu, muitas vezes, não vês, não dás por eles.

Passas, olhas para um lado e para o outro, mas não vês o teu irmão ali caído nesses montes, a gemer, a pedir que o trates, que o levantes ou então fazes que o não vês, fazes a figura do sacerdote e do levita que viram o seu irmão caído, quase morto à beirna da estrada e fizeram que o não viram.

Como atrás disse estas montanhas, de lixo, de latas e de miséria não são menos abundantes que as outras pois há tantas, tantas por esse mundo além. Mas... para que hei-de eu dizer mundo além se não é preciso sair daqui, de Portugal, para ver um número ilimitado das referidas montanhas.

Pois é verdade caro leitor, não é preciso sair aqui deste nosso pequeno cantinho para o coração nos cair aos pés diante de tanta miséria.

Crisanto

Fausto Teixeira



O primeiro filho do nosso Ernesto Pinto.

PAÇO DE SOUSA

UM REPARO — É certo que gostamos e estimamos muito todos os nossos amigos que amiudadas vezes nos visitam. Quase todos vêm para ver e observar a nossa vida quotidiana. Mas outros, sim, para admirarem as nossas ameixas, pêssegos e... a lenha do nosso telheiro!

Num dos últimos domingos de Junho, quando assistia a um desafio de futebol disputado no nosso campo, aconteceu-me um episódio engraçado e, ao mesmo tempo, sério.

Atrás duma das balisas, encontrava-se um sujeito que a certa altura me chama à atenção por causa de estar a calcar o jornal que fazia de mesa para comer. Uma vez que involuntariamente o fiz, pedi desculpa e continuei a assistir ao desafio que decorria com grande animação. Como o sujeito estava de má catadura, não ficou satisfeito e continuou a falar. A certa altura, e porque não gostei do que estava dizendo, respondi-lhe, com ironia, que o melhor seria estar calado.

Mas, porque «os gaiatos não têm cultura nenhuma», no dizer dele, ainda continuei. Pareceu-me que não estava com ele todo..., mas não liguei. O mais engraçado está para vir!

A dada altura olho para trás, e vejo umas duas pessoas trazerem lenha do nosso telheiro. E qual não é o meu espanto ao verificar que tais pessoas eram da sua família Parentes ou primos, isso é que eu não sei. Então, não estive com meias medidas e disse-lhe:

— Isto é que é ter cultura!
— O quê? — perguntou.
— Não vês o que se está a passar?!
— Ah! Eu cá falo por mim e deixo os outros.

— Ora muito bem, rematei eu. Então porque lhe calçou o jornal, acidentalmente, o senhor fartou-se de falar, e agora porque se trata de um roubo, embora de pouca importância, não quer usar as suas excepcionais qualidades de cultura?!

Boquiaberto, olha-me de alto a baixo e perguntou-me se era gaiato.

— Sim, meu caro amigo. Sou gaiato e com muita honra!

ORDINS

Tondela—1 chale e 3 pegas. 1 chale para Braga. Castelo Branco—1 capa, 1 écharpe, 1 camisola, e 3 pegas. Figueiró dos Vinhais — 20\$ para 2 pegas. Outra vez a Golegã, com uma écharpe. Para Arrancada do Vouga — um jogo em ráfia. Visita de um casal com três fi-

lhos, levando cada um sua camisola. Foz do Douro — 1 chale e 3 pegas. Temos tantas feitas! Quem as quer para não queimar as suas mãosinhas! Funchal — 10 chales, e 10 camisolas.

10\$ em selos. Niza — 2 chales e 2 capas. São Pedro do Sul — 2 tapetes, e estas palavras:

«Como é tão bom ver tecedeiras, tão novinhas, apresentarem já trabalhos tão completos». E a carta continua, com um hino de louvor a esta Obra.

M. A.

BELEM

Cont. da TERCEIRA página

as mãos. Dentro de poucos minutos voltei à porta e o carro já não estava. Entrei no escritório e dei com um cheque de mil escudos acompanhado destas palavras, em letra bem conhecida.

«Com muita pena, vindo de propósito de Lisboa, de não a ter encontrado».

Ó Madame, que desapontamento me ficou por ter deixado escapar a oportunidade de conhecer uma tão grande Benfeitora e Amiga das Belenitas!

Melhor teria sido que nos surpreendesse a mondar alfacs. Mas D. Ofélia ainda não perdeu o jeito de fazer cerimónias com as visitas. O Senhor Padre Acílio que o diga... Há tempos apareceu aqui de surpresa e enfiou-se logo pela porta da cozinha. Ela bem o quis fazer sair e ir à volta, mas ele foi teimoso. Depois foi uma risota.

Da Casa do Gaiato de Lisboa recebemos um cheque de 1.090\$00, em Abril p. p., total dos donativos depositados no Montepio Geral, para Belém, e assim distribuídos: da ass. n.º 33.505, 100\$00, da mesma 150\$00; um pecador, 200\$00; outra vez da primeira assinante, 100\$00; de uma Portuense 60\$00; do Banco de Portugal,

250\$00; uma portuense 60\$00; e de M. J. C., 20\$00.

De Paço de Sousa, vales de 750\$00 e 600\$00.

Dentre as várias esmolas incluídas nestes e outros vales, posso lembrar 50\$ de Marília de Lisboa; 400\$00, em cheque, de Alcains; 50\$00 do ass. 27.808 de Lisboa. 500\$00 do Porto, como prenda de anos; 20\$00 da ass. 26.157 do Porto. 100\$00 de amigas da Obra; 50\$00 do Lar de Santa Catarina, da Guarda; de Olho Marinho, 70\$00; de Algés, 100\$; de Coimbra, 250\$00; de Aveiro, 100\$00 e outro tanto de Algés. Recebemos ainda roupas e tecidos.

De Algés 8 vestidos feitos com muito carinho e beijinhos para as Belenitas. Do Porto 50\$00 em honra de S. Judas Tadeu e pedido de orações que foi gostosamente atendido.

De Caldas da Rainha 150\$ mais 150\$00 para a Casa Nova. Maria Carolina, do Porto, 50\$00, roupas, linhas, etc. De Gavião 20\$00 de quem divide por muitas obras, beijos para as Belenitas e pedido duma Avé-Maria.

Da Casa Junior, do Porto, cheque de 200\$00.

A Maria Teresa, de Beja, informamos de que recebemos os 100\$00.

De Lisboa alguém enviou cheque de 1.400\$, produto de um mês de renda de um andar comprado.

E por aqui fica hoje esta nota de presenças, que contamos finalizar no próximo número.

Mas já podemos apresentar as nossas contas.

Tendo a dívida ficado em 350 contos e podendo nós agora pôr de parte mais 17 contos, temos:

350.000\$00
—17.000\$00
333.000\$00

Bem-hajam!

Inês

Belém—Vildemoinhos—Viseu

Facetas de uma vida

Cont. da PRIMEIRA página

tamente podem fazer um grande bem a esta gente pobre e mais misérrimas que eu conheço. Era pedir qualquer coisinha para mim e mandar um pequeno cheque logo que possas. Lembro o N.. Esse é uma alma generosa. Logo que ele por aí apareça dá-lhe um grande abraço meu e diz-lhe que eu lhe peço duas miçalgas para apagar lágrimas de desventura. Não me demores muito, sim?

Cuida da tua saúde e dá saudades ao P.. Teu do coração.

Américo».

